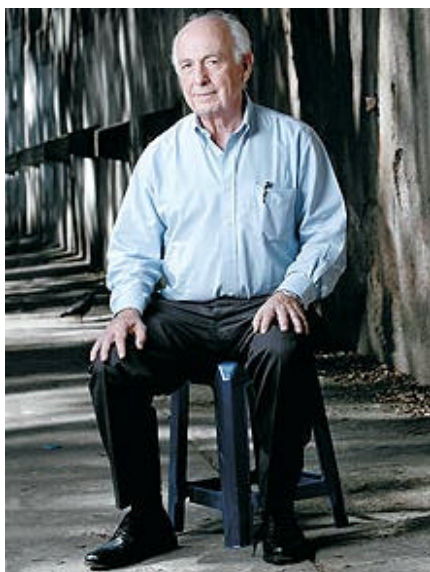


Administrar dólar é fundamental

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Valor, 18.05.07



Luiz Carlos Bresser-Pereira diz que o país abriu mão de estratégia própria de desenvolvimento e competição na economia globalizada depois de estabilizar preços com o Plano Real

A perplexidade do mercado financeiro e as lamúrias da indústria com a queda do dólar abaixo de R\$ 2,00 criam o ambiente perfeito para ouvir com atenção as idéias do economista Luiz Carlos Bresser-Pereira. Autodenominado novo desenvolvimentista, o economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) defende há algum tempo que o Brasil é vítima da "doença holandesa", apreciação perversa da taxa de câmbio provocada pela exportação de commodities. Para neutralizar seu efeito sobre a competitividade de outros setores da economia, o ex-ministro da Fazenda (governo Sarney) avalia que reduzir juro, controlar entrada de capitais e cobrar imposto sobre a exportação de commodities seriam recomendáveis.

No entanto, o novo desenvolvimentismo de Bresser-Pereira não pressupõe apenas correções de rota, mas uma mudança significativa de rumo na política macroeconômica. Seu novo livro, "Macroeconomia da Estagnação" (editora 34, 328 págs.), que será lançado na terça-feira,

afirma que desde o Plano Real o país abriu mão de uma política própria de desenvolvimento para adotar modelos do Consenso de Washington.

Leia, a seguir, trechos da entrevista.

Valor: *Uma das teses centrais do seu livro é de que é necessário administrar a taxa de câmbio, que tende à apreciação em países em desenvolvimento.*

Luiz Carlos Bresser-Pereira: Entendo que numa economia em desenvolvimento como a brasileira existe uma tendência à sobrevalorização da taxa de câmbio, venho trabalhando nisso intensamente no plano teórico nos últimos anos. Isso se deve a alguns motivos fundamentais. Primeiro, porque todo país em desenvolvimento com recursos naturais abundantes tem o problema da doença holandesa. Segundo porque a política que os países ricos nos recomendam, de crescer com poupança externa, aprecia o câmbio. Terceiro, a forma mais fácil de combater a inflação é apreciar o câmbio. Quarto, a forma mais fácil de conseguir votos no curto prazo é o populismo cambial. Essas quatro coisas somadas fazem que a tendência seja de apreciação do câmbio, que na prática impede que os países em desenvolvimento alcancem os países ricos. Na competição da globalização, o que nós, países em desenvolvimento, temos como vantagem é mão-de-obra barata. Naturalmente os países ricos se sentem ameaçados por isso e tentam nos convencer de que o câmbio apreciado é ótimo, que a doença holandesa não existe, que crescimento com poupança externa é uma maravilha. Hoje no Brasil esses quatro fatores estão atuando e a taxa de câmbio está evidentemente apreciada. O que se pode fazer? É toda uma estratégia alternativa e não só uma ou outra medida tomada pelo Banco Central ou o Ministério da Fazenda.

Valor: *Qual seria a maneira mais eficiente de administrar a taxa de câmbio?*

Bresser-Pereira: Sugiro que mantenhamos a taxa flutuante, porque não faz sentido ter taxa fixa, mas que você tenha uma taxa de câmbio administrada. Todos os países, exceto os Estados Unidos, administram sua taxa de câmbio. Os Estados Unidos não podem administrar o dólar porque a moeda deles é reserva mundial. O euro também está caminhando para isso, mas ambos são representantes de imensas regiões econômicas. Para o Brasil, que é pequeno em termos internacionais, tem 1% das exportações mundiais, a administração da taxa de câmbio é fundamental. Uma das medidas é a compra de reservas, que o Brasil já está fazendo e não está sendo suficiente. A outra é criar controles de entrada, nunca de saída, porque país que se preza não tem controle de saída. Mas controle de entrada pode ter, em especial quando há um processo especulativo como hoje. Além disso, é claro, é preciso manter a taxa de juros em níveis decentes, compatível com os mercados

internacionais. Uma tese importante desse livro é que a taxa de juros que nós temos no Brasil é absurda, escandalosa, que revela uma captura do Banco Central pelos interessados, rentistas que vivem de juros. No caso de um país com recursos naturais abundantes como o Brasil, existe uma quarta medida fundamental para administrar o câmbio, que é um imposto sobre a exportação dos produtos que causam a doença holandesa.

Valor: *Por que o senhor acha que o Brasil tem a doença holandesa?*

Bresser-Pereira: Também chamada de maldição dos recursos naturais, ela foi identificada na Holanda na década de 60, quando o país descobriu gás de petróleo. É uma falha de mercado muito grave que faz que a taxa de câmbio se valorize, sendo determinada pelo custo marginal do produto mais barato, que é o que usa os recursos naturais abundantes. Suponhamos que a taxa de câmbio que permite que as empresas mais eficientes e com equipamentos de alta tecnologia do país exportem seja 100. No caso da produção de petróleo, que é mais dramático, os preços internacionais em alta permitem que com uma taxa de câmbio de 20 ou 30 você seja rentável. Se você não tomar cuidado, a taxa de câmbio vai para esse nível e isso inviabiliza toda a sua indústria, você vira Venezuela, Arábia Saudita, Irã. Se você não tiver petróleo, mas cana-de-açúcar, minério de ferro, suco de laranja, talvez o câmbio não caia para 20, mas para 60, 70, ou 80, e esse é o caso do Brasil. Esse nível não inviabiliza toda a indústria, aquelas muito competitivas se mantêm, mas a maior parte vai embora. Isso é desastroso para a economia. Hoje você pode dizer que pelo menos uma parte dessa indústria que exporta muito, do agronegócio e da mineração, é altamente sofisticada tecnologicamente, é moderna. O valor agregado per capita é alto. Então por que a gente não se especializa, fica só nisso? Pelo ideal de Doha, a China se industrializa, a Índia produz serviços para exportação e o Brasil, produtos agrícolas. O pequeno problema que existe com isso é que essas atividades não empregam a população, vira todo mundo garçom, empregado doméstico, seria um desastre.

Valor: *Muitos discordam, acham que o país não tem a doença holandesa, que uma taxa próxima de R\$ 2 seria de equilíbrio...*

Bresser-Pereira: Eles apresentam dados sobre a exportação da indústria. A indústria continua exportando não só porque a nossa doença holandesa não é tão violenta quanto a causada pelo petróleo, mas também porque a nossa indústria está virando uma indústria maquiadora. Então você apresenta dados de grandes exportações de produtos com alta tecnologia pelo Brasil, mas na verdade viramos meros montadores de uma tecnologia que vem inteirinha pronta, cujos componentes principais já são importados. É preciso comparar a taxa de câmbio atual não com a de cinco, seis anos atrás, mas de períodos anteriores à década de 90. Se o Brasil tem doença holandesa hoje, tinha nas décadas de 50 a

70, só que na época era o café que dava origem à apreciação. E o Brasil, no entanto, cresceu extraordinariamente nesse período. Como? Na época o Brasil neutralizou a doença holandesa, ainda que os economistas da época não soubessem disso e agissem intuitivamente. Nas décadas de 50, 60, eles usavam taxas de câmbio múltiplas. Nos anos 70, a solução foi mais elegante. Criava-se uma proteção tarifária muito grande que neutralizava a doença holandesa do ponto de vista da importação. E subsídios à exportação elevados para toda a indústria, com exceção dos produtos que geravam a doença holandesa. De forma que a taxa de câmbio efetiva, considerando os subsídios e as tarifas, ficava muito mais alta. [No livro, Bresser-Pereira calcula a taxa de câmbio real em 1980 em R\$ 3,11 por dólar]. Então seria fundamental criar um imposto sobre exportação, que deve ser variável e negociado cuidadosamente com os setores agroindustrial e de mineração. Porque são setores extremamente importantes para a economia brasileira, nós não podemos ameaçá-los. Mas é perfeitamente possível colocar um imposto sobre eles sem que isso gere prejuízo, para que a taxa de câmbio se deprecie. O imposto desloca a curva de oferta para cima. Se eu antes exportava com taxa de câmbio de 70, se puser 20, 25 de impostos agora só posso exportar com 100 ou 95, que é o nível necessário para a economia como um todo crescer.

Valor: *Como seria calculado esse imposto?*

"A Argentina aprendeu que ajuste fiscal é fundamental, o déficit público deles é zero, e que a taxa de câmbio deve ser competitiva"

Bresser-Pereira: O imposto teria que ser flexível e variar em função do preço internacional do produto, se o preço sobe o imposto aumenta e se cai ele diminui ou zera. Se o preço cai e isso provoca prejuízo, teria que haver um subsídio temporário. Mas isso seria para poucos produtos, só para as commodities, seria relativamente simples em relação ao sistema de complexidade infernal que já tivemos. A Noruega faz essa administração de forma perfeita desde que descobriu petróleo no Mar do Norte há 30 anos. Eles criaram um fundo com recursos desse imposto, que é administrado pelo Banco Central no exterior e investe em ações e títulos. Assim os dólares não entram no país e não afetam a taxa de câmbio. Com isso eles neutralizaram a doença holandesa e mantêm a Noruega como uma das economias mais ricas do mundo.

Valor: *O senhor também afirma que é preciso reduzir drasticamente os juros. Como fazer isso?*

Bresser-Pereira: O juro é alto hoje no Brasil porque os rentistas, apoiados pelo setor financeiro, continuam a capturar o Estado, o patrimônio público. E é fato que os brasileiros são reféns da alta inflação. A qualquer sinal de redução de juros, imediatamente surge a

ameaça de volta da inflação, então as pessoas e os políticos ficam com medo e o Banco Central continua com sua política de juros absurda. Não há razão para que o piso de juros seja de 9% reais. Um dos maiores problemas é que a taxa de juros que o Banco Central determina para o curto prazo, para as reservas bancárias, imediatamente indexa grande parte da dívida pública por meio da parcela pós-fixada. Isso é único do Brasil, nos outros países o BC determina esse juro overnight para as reservas bancárias e ele tem um impacto indireto nas taxas de juros de mercado da dívida pública. Isso foi criado em 1986 em meio à alta inflação, quando o Estado estava ameaçado de não ser refinanciado no dia seguinte, então isso foi feito como uma solução de emergência, que já dura 21 anos. O Plano Real podia ter acabado com isso. Essencialmente, você tem que proibir qualquer título do tesouro pós-fixado tipo Selic. Aí vem o argumento de que o mercado não vai financiar, conversa fiada, porque não há alternativa para o dinheiro.

Valor: *Mas além disso o que poderia ser feito?*

Bresser-Pereira: A taxa de juros precisa de uma estratégia, que envolve o governo todo. Ela passa por isso que falamos, que seria uma reforma que acaba com esse "sistema Selic", o que desvincula a taxa de curto prazo da taxa de longo prazo. Inicialmente também é preciso um ajuste fiscal muito forte. Depois, quando os juros começam a baixar, você vai ter algum espaço fiscal. E o Banco Central tem que continuar baixando a taxa de juros de maneira mais acelerada. A inflação nesse processo pode voltar um pouco, sim, principalmente por causa da depreciação do câmbio. Se o dólar voltasse para R\$ 2,50 a 2,70, por exemplo, isso implicaria uma alta inevitável da inflação, mas rigorosamente temporária. Uma medida que o governo poderia tomar agora, aproveitando que a taxa de câmbio está baixa, é acabar com todas as indexações de tarifas públicas. Não precisa quebrar os contratos, mas é preciso renegociar com as empresas um novo critério, que considere custos do setor, ganhos de produtividade. Mas não que siga uma fórmula, uma cláusula ridícula de indexação. Isso tudo significa que para mudar a política macroeconômica não é uma questão de mudar no Banco Central ou no Ministério da Fazenda. Envolve a sociedade também e acho que a sociedade está mudando, está percebendo que é falsa essa alternativa, ou a ortodoxia convencional ou inflação e caos.

Valor: *Na sua proposta de novo desenvolvimentismo, intermediário entre a ortodoxia e o desenvolvimentismo antigo, há uma defesa de um ajuste fiscal mais drástico?*

Bresser-Pereira: O Estado, como o principal instrumento de ação coletiva da nação, deve ser forte por sua importância na estratégia de desenvolvimento. Se o Estado é o que garante que o mercado funcione e é tão importante, ele precisa ser sadio financeiramente. Para ser forte não pode estar quebrado, excessivamente endividado. É por isso que eu

defendo que uma política fiscal rígida, que não deixe o Estado se endividar excessivamente, que estabeleça limites ao endividamento público, é fundamental para um país. Sou um economista keynesiano, com lembranças do estruturalismo latino-americano. Keynes rola no túmulo pelo abuso que fizeram dele aqui e na América Latina em geral. Keynes é a favor, assim como eu, de criar déficit público se você estiver numa situação de equilíbrio fiscal e se entrar numa recessão por falha de mercado, e aí você temporariamente faz uma política fiscal expansionista. Mas depois deve voltar ao equilíbrio fiscal e acabou-se. Jamais você pode imaginar o déficit fiscal crônico. Esses que defendem déficits crônicos não são desenvolvimentistas, são uma corruptela populista. O novo desenvolvimentismo baseia-se no equilíbrio fiscal, que é fundamental para criar um equilíbrio macroeconômico verdadeiro. Hoje no Brasil temos uma instabilidade macroeconômica, apesar da estabilidade de preços. O critério de superávit primário adotado hoje pelo governo como meta fiscal só interessa aos credores e aí eu critico a ortodoxia convencional. Ela tem um discurso muito austero, de que todos os males do Brasil vêm do déficit público, da ganância do Estado. Mas, se isso fosse verdade, eles não estabeleceriam como objetivo de superávit primário 3,5%, depois 4,25%, como estabeleceram. Isso só mantém a relação entre dívida pública e PIB estável. O Fundo Monetário Internacional já defendeu o fim do déficit público, mas agora fala em superávit primário. Deveriam ter como objetivo zerar o déficit, já que a dívida pública é elevada. Mas isso ninguém quer, porque está muito bom para você fazer o Estado pagar para os rentistas 7 a 8% do PIB de juros. O que fazem é programar uma permanente não-solução dos problemas fiscais para não mexer com os nossos jurinhos.

Valor: *O senhor cita a experiência argentina como novo desenvolvimentista. Mas não há um sabor de retrocesso no que eles estão fazendo, controle de preços, alguns episódios de desabastecimento?*

Bresser-Pereira: O problema fundamental, o motivo pelo qual o Brasil está ficando para trás é porque desde o início dos anos 90 deixou de ser uma nação, perdeu sua estratégia própria de desenvolvimento e passou a subordinar-se às diretrizes vindas de Washington e Nova York. Houve só um momento em que isso não aconteceu, que foi a estratégia de neutralização da inércia inflacionária pelo Plano Real. O diagnóstico e a estratégia foram nacionais, mas, depois do controle da inflação, voltou-se outra vez à ortodoxia convencional. E esse problema também é o problema fundamental da Argentina. Eu costumo dizer que quando você começa a ter muitos elogios do Norte é um mau sinal. Nos anos 1990 os mais elogiados eram Carlos Menem e Boris Yeltsin. Grandes reformistas, maravilhosos, extraordinários, e conduziram seus países a crises brutais. A Argentina, em especial, teve a maior derrocada de um país já vista. Aí surgem os dois novos chefes de governo, [Nestor]

Kirchner e [Vladimir] Putin. Que não são santos, ainda mais em países em desenvolvimento. Se a sociedade não é santa, o governante também não pode ser. Senão dá [Fernando] De La Rúa, que era santo e deu no que deu. Mas o fato é que estão fazendo políticas de interesse nacional deles.

Valor: *Mas a Argentina tem inflação...*

Bresser-Pereira: A Argentina tem inflação, é verdade, esse é o calcanhar-de-aquiles deles, eles fazem administração de preços e falsificaram índices de preços. Não são coisas bonitas. Mas o que eu sugiro é que a Argentina aprendeu com a crise. Aprendeu primeiro que ajuste fiscal é fundamental- o déficit público deles é zero, enquanto o nosso é de 3%. Eles aprenderam que a taxa de câmbio deve ser competitiva, e que há doença holandesa e tendência de apreciação, e que não se pode brincar com isso. Então administram ferozmente o câmbio em 3 por dólar, usando inclusive imposto sobre exportação de carne, trigo e soja. Posso garantir que vão dar certo? Não. Eu estive lá há duas semanas, eles mesmos desconfiam do próprio êxito. Mas acho que é a grande esperança da América Latina. O fundamental na minha opinião é que o desenvolvimento brasileiro depende da demanda e não da oferta. É preciso ter mais investimentos e exportação para absorção da mão-de-obra. Há um desemprego enorme, não só aberto, mas subemprego, emigração da classe média. Ou seja, falta demanda interna para absorver a mão-de-obra, investimentos produtivos para o mercado interno ou exportação. Faltam oportunidades de investimento lucrativo, porque a taxa de juros é alta, o câmbio baixo e o Estado está quebrado. Acho que as reformas sempre ajudam, claro, mas são graduais. O que é dramaticamente necessário e pode ser feito a curto prazo é mudar a estratégia econômica, para sair da macroeconomia da estagnação e ter uma estratégia nacional de desenvolvimento e competição global.